



CONEXÕES INTERSECCIONAIS NO BUDISMO BRASILEIRO: DESAFIOS E REFLEXÕES PRELIMINARES

Átila Augusto dos Santos*

RESUMO

O Budismo, tradição milenar originada na Ásia, expandiu-se globalmente, adaptando-se a diversas culturas. No Brasil, sua história começa no século XX com imigrantes japoneses, a partir de uma transplantação religiosa. Ele não é homogêneo no Brasil; estudos apontam maior presença em São Paulo, especialmente entre mulheres e negros/as. O interesse acadêmico cresce, com o número de dissertações e teses saltando de 141, em 2022, para 172, em 2023. No entanto, pesquisas interseccionais, considerando gênero, raça e classe são escassas. E agora propomos reflexões preliminares para uma abordagem estatística interseccional com base em dados do IBGE, SIMPT e currículos *Lattes*, incorporando perspectivas de pesquisas recentes. Busca-se contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas que influenciam o budismo transplantado e abrazeirado. **Palavras-chave:** budismo; interseccionalidade; transplantação; raça e gênero.

INTERSECTIONAL CONNECTIONS IN BRAZILIAN BUDDHISM: CHALLENGES AND PRELIMINARY REFLECTIONS

SUMMARY

Buddhism, an ancient tradition that originated in Asia, has expanded globally, adapting to different cultures. In Brazil, its history begins in the 20th century with Japanese immigrants, following a religious transplant. It is not homogeneous in Brazil; studies indicate a greater

* Mestre em Ciências da Religião, doutorando pela PUC/SP, graduado em Direito e Teologia, membro do grupo de pesquisa em gênero e religião Mandrágora/NETMAL e membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/ABPN.



presence in São Paulo, especially among women and black people. Academic interest is growing, with the number of dissertations and theses jumping from 141, in 2022, to 172, in 2023. However, intersectional research, considering gender, race and class is scarce. And now we propose preliminary reflections for an intersectional statistical approach based on data from IBGE, SIMPT and Lattes curricula, incorporating perspectives from recent research. The aim is to contribute to a broader understanding of the dynamics that influence transplanted and Brazilianized Buddhism.

Keywords: Buddhism; intersectionality; transplantation; race and gender.

CONEXIONES INTERSECCIONALES EN EL BUDISMO BRASILEÑO: DESAFÍOS Y REFLEXIONES PRELIMINARES

RESUMEN

El budismo, una antigua tradición que se originó en Asia, se ha expandido globalmente, adaptándose a diferentes culturas. En Brasil, su historia comienza en el siglo XX con inmigrantes japoneses, tras un trasplante religioso. Él no es homogéneo en Brasil; Los estudios indican una mayor presencia en São Paulo, especialmente entre mujeres y negros. El interés académico está creciendo, y el número de disertaciones y tesis pasó de 141, en 2022, a 172, en octubre de 2023. Sin embargo, la investigación interseccional, que considere género, raza y clase, es escasa. Y ahora proponemos reflexiones preliminares para un enfoque estadístico interseccional basado en datos de los currículos del IBGE, SIMPT y Lattes, incorporando perspectivas de investigaciones recientes. El objetivo es contribuir a una comprensión más amplia de las dinámicas que influyen en el budismo trasplantado y brasileñizado.

Palabras clave: Budismo; interseccionalidad; trasplante; raza y género.

1. INTRODUÇÃO

O crescente interesse pelo Budismo no Brasil desencadeou uma série de pesquisas acadêmicas que buscam compreender o fenômeno budista e suas interações com a sociedade brasileira. Muitas dessas pesquisas se concentraram na análise do Budismo em termos de sua evolução histórica, suas tradições, literaturas, práticas espirituais e



gênero, (Frank USARSKI, 2006; Nirvana FRANÇA, 2023; Ícaro MATIAS, 2022). No entanto, poucas se debruçaram sobre as complexas interações entre o Budismo e as questões de gênero, raça e classe.

Este artigo tem como objetivo contribuir com essa lacuna, oferecendo uma análise interseccional do Budismo no Brasil, examinando como questões de gênero, raça e classe influenciam e são influenciadas por essa tradição religiosa. Partindo da premissa de que o Budismo, como outras religiões, não está imune a questões de desigualdade e opressão, (Nirvana FRANÇA, 2022) este estudo busca lançar luz sobre as complexas dinâmicas que envolvem o Budismo no contexto brasileiro.

Ao aplicar a perspectiva interseccional ao budismo no Brasil, podemos explorar de que maneira o gênero, a raça e a classe moldam as vivências religiosas de seus seguidores/as e líderes. Além disso, este artigo se dedica a investigar o estado atual da pesquisa acadêmica sobre o tema no Brasil, com foco nas dimensões interseccionais, através do levantamento de teses e dissertações, bem como de uma análise do perfil interseccional dos/as docentes que orientaram essas pesquisas. Ao fazer isso, buscamos identificar as tendências atuais e oportunidades para futuras investigações no campo dos estudos budistas.

No contexto do budismo no Brasil, onde o cenário religioso é caracterizado por uma diversidade de práticas espirituais, a compreensão das questões interseccionais é fundamental para a promoção da igualdade e justiça, bem como para a construção de uma sociedade mais inclusiva e tolerante. Esse artigo então se propõe a apresentar preliminares de novas perspectivas interseccionais a partir da utilização de dados do IBGE (2010) e SMPIR (2016), bem como informações obtidas nos *Lattes* dos pesquisadores/as, considerando uma hiperidentificação. Essa metodologia visa entender as interações entre o Budismo e fatores como gênero, raça e classe no contexto brasileiro, conectando uma lacuna na pesquisa acadêmica sobre o assunto. Embora este estudo não explore exaustivamente as várias categorias de análise e conceitos propostos, ele alcança seu objetivo de fornecer dados estatísticos preliminares e estimular reflexões, estabelecendo algumas delimitações para pesquisas futuras.



2. O INÍCIO NO BRASIL

Conforme destacado por David Noss e Blake Grangaard (2010), a tradição religiosa cujo foco principal é a busca pela redenção humana do sofrimento é conhecida no Ocidente como budismo. Seu fundador foi Sidarta Gautama, nascido por volta de 583-483 AEC. Já em 2015 o budismo contava com aproximadamente 500 milhões de seguidores/as no mundo e que utilizavam diversos nomes para se referir à tradição, tais como: o Caminho do Dharma, os Cinco Votos, o Dharma, as Três Joias ou Refúgio, o Buda e a Sangha.

Tradicionalmente, o budismo se divide em diversas tradições e literaturas, sendo as principais a *Theravada* e a *Mahayana*. A primeira representa cerca de 38% (também chamada de *Hinayana* ou Meridional), com destaque para o *Tripitaka* (o cânon em páli), o *Milindapanha* (*Nagasena*) e o *Visuddhimagga* (*Buddhaghosa*). A segunda, abrangendo aproximadamente 56% (também chamada de Setentrional), que inclui a Literatura da Perfeição da Sabedoria, *Prajna-Paramita* (em sânscrito), a Literatura *Madhyamika*, o Sutra do Lótus e o *Saddharmapundarika*. *Vajrayana*, correspondendo a cerca de 6% (também conhecido como *Lamaísmo* ou Budismo Tântrico), que envolve os Tantras.

Os seguidores/as de Buda ampliaram significativamente o significado religioso do budismo fundado por seu líder, transformando-o em uma das maiores figuras religiosas do mundo. Essa abordagem de religiosidade estrita tornou o budismo objeto de reflexões e discussões, inclusive em ambientes acadêmicos, como programas de Ciência da Religião, que se dedicam à análise comparativa das religiões e seus fenômenos. Segundo Frank Usarski (2008), a história do budismo no Brasil teve seu início com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, em sua maioria provenientes de áreas rurais, ao porto de Santos em 1908. Ao longo das décadas subsequentes, o budismo, particularmente na forma conhecida como “budismo de imigração”, começou a se estabelecer no país. Embora não tenha sido exclusivamente representado por essa tradição, o budismo Shin se destacou como uma das vertentes predominantes dessa introdução religiosa no Brasil.

A chegada dos/as imigrantes japoneses trouxe consigo não apenas uma diversidade cultural e étnica, mas também uma espiritualidade que



começou a encontrar raízes nas terras brasileiras. O budismo *Shin*, uma das escolas do budismo Jodo Shinshu, era particularmente proeminente entre os japoneses que imigraram para o Brasil, estas outras formas de budismo encontraram um solo fértil para se desenvolver no contexto brasileiro, especialmente entre a comunidade japonesa. O budismo se tornou um componente importante da identidade religiosa desses imigrantes e de suas gerações subsequentes. Templos budistas foram erguidos em várias partes do Brasil, servindo como locais de culto e preservação da tradição, como que um início de uma transplantação (Michael PYE, 2023).

3. ABRASILEIRAMENTO DO BUDISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA TRANSPLANTAÇÃO DE MICHAEL PYE

A “transplantação religiosa”, segundo Michael Pye (2023), é uma perspectiva teórica abrangente que auxilia a entender como uma religião, e dentre essas, o budismo, pode se desenvolver e adaptar em um novo contexto, como o Brasil. Esse conceito nos permite explorar não apenas o processo de introdução de uma religião em uma nova região, mas também as complexas interações entre a tradição religiosa original e os fatores específicos do lugar receptor. Embora tenha se originado principalmente entre os imigrantes japoneses, o budismo no Brasil não ficou restrito a essa comunidade. Ao longo do tempo, ele se expandiu e atraiu seguidores/as de diversas origens étnicas e culturais. Isso demonstra a capacidade do budismo de transcender fronteiras étnicas e se adaptar a novos contextos culturais, numa transplantação religiosa (Michael PYE, 2023).

Quando falamos de fronteiras étnicas e do processo de transplantação religiosa, é crucial não deixar de mencionar que, mesmo com a expansão do budismo em anos subsequentes à pesquisa de Usarski em 2008, observou-se um declínio estatístico das comunidades budistas de origem étnica asiática (amarela), e parte desse declínio foi atribuído ao processo de transplantação religiosa:

[...] o atual estado de enfraquecimento do budismo tradicional vai continuar por um bom tempo, já que essa situação é considerada sintomática do duradouro processo de cuidadosa aculturação às



novas condições, como no caso das circunstâncias historicamente complexas sob as quais o budismo foi outrora transplantado para o Japão e a China (Frank USARSKI, 2008, p. 148).

Esse processo pode ser mais facilmente reconhecível, se pensado analogicamente como no caso da helenização do cristianismo, conceito mais bem delineado por Michael Pye (2023). O autor aponta fatores que motivam a transplantação, para ele:

A promoção consciente de um processo de transplantação pode ser motivada por diversos fatores, sejam eles políticos, econômicos (Diana dos Efésios!), religiosos (missão ou apostolado etc.), ou uma combinação sutil de todos eles. O grau mais baixo de sofisticação na promoção consciente da transplantação é a confiança no contato; em segundo lugar de sofisticação vem o reconhecimento de que, em uma situação que resulta na ambiguidade, a ortodoxia está em risco e a recuperação é exigida; em terceiro lugar está a aceitação consciente de um grau tolerável de ambiguidade como o preço de uma transplantação bem-sucedida (Michael PYE, 2023, p. 347).

O autor aponta o processo de transplantação ocorrendo sob o guarda-chuva de grandes religiões como budismo, cristianismo, hinduísmo e islamismo. A transplantação religiosa vai além da simples transferência de práticas religiosas de um lugar para outro. Ela implica em uma análise profunda das dinâmicas culturais, sociais e históricas que influenciam a recepção e adaptação da religião em seu novo contexto. A partir do texto de Michael Pye (2023), vemos que a transplantação religiosa está intrinsecamente ligada a quatro elementos fundamentais¹,

¹ Do texto e pensamentos do autor podemos inferir que a missão religiosa envolve a disseminação de uma religião em um novo território, com o propósito de buscar seguidores, propagar crenças específicas ou adaptar a religião às necessidades locais. O sincretismo religioso resulta da mistura de elementos da religião transplantada com práticas locais, muitas vezes decorrente da convivência de diferentes sistemas religiosos. O *revival* religioso busca revitalizar aspectos da religião original que podem ter se enfraquecido com o tempo. A reforma religiosa, por sua vez, envolve uma adaptação consciente da religião para torná-la relevante em novos contextos, incluindo revisão de doutrinas e práticas para serem compreendidas e aceitas na nova comunidade. A missão religiosa pode incorporar o *revival* e a reforma para preservar a autenticidade da tradição religiosa transplantada.



missão, sincretismo, *revival* e reforma, que acabam por interagir de maneira complexa e dinâmica quando uma religião é transplantada para um novo contexto, moldando sua evolução e adaptação às realidades locais.

Dessa forma, no contexto específico do budismo no Brasil, essa análise se torna crucial para compreender a evolução dessa tradição espiritual e sua interação com a cultura e espiritualidade brasileiras ao longo do tempo. Ao explorarmos a possibilidade de um budismo brasileiro, estamos examinando um processo complexo de transplantação² religiosa que vai além da simples introdução do budismo no Brasil. Ele também engloba sua dinâmica interação com a cultura, sociedade e as necessidades espirituais dos brasileiros. Esse processo pode resultar em uma manifestação única do budismo que reflete a rica diversidade cultural e espiritual do Brasil, ao mesmo tempo em que mantém vínculos com suas raízes tradicionais.

4. INTERSECCIONALIDADE

Ao levar em consideração a transplantação no contexto específico do budismo e reconhecer a intrincada ligação entre a realidade cultural e social do Brasil, não podemos abrir mão da ferramenta analítica da interseccionalidade para melhor compreender o budismo e o estado da pesquisa sobre tema no país, com um foco nas questões de gênero, raça e classe. Podemos então olhar para a realidade dos/as budistas brasileiros/as interseccionalmente. Trata-se de um conceito muito caro às minorias. Sua sistematização ocorreu com Kimberlé Chrenshaw (2002), mulher, negra, professora de Direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Pesquisadora nas áreas de direito civil, da teoria legal afro-americana e do feminismo. Segundo sua definição:

[...] é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou

² Um estudo de considerável relevância no contexto da transplantação e adaptação do budismo, particularmente representado pela *Soka Gakkai*, é o trabalho de Ronan Alves Pereira (2001), intitulado “O Budismo Leigo da *Soka Gakkai*: da Revolução Humana à Utopia Mundial.” Nesta pesquisa de doutorado, Pereira direcionou sua análise para investigar a maneira como o budismo leigo foi transplantado e adaptado no cenário brasileiro. Ele forneceu uma análise minuciosa da estrutura organizacional e da disseminação dessa organização religiosa no Brasil, considerando o processo de abasileiramento do budismo leigo.



mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Kimberlé CRENSHAW, 2002, p. 177).

A análise interseccional³ se tornou central no ativismo político em prol da sobrevivência das minorias e para elucidar esse conceito e exemplificar alguns de seus efeitos, Kimberlé Crenshaw (2002) recorre à metáfora de diversas avenidas que se cruzam, se sobrepõem e estabelecem conexões e eixos:

[...] faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando interseções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (Kimberlé CRENSHAW, 2002, p. 177).

Tendo em vista a crescente onda conservadora, neoliberal e as práticas de desrespeito a essas minorias, quando considerados os marcadores sociais como gênero, classe, raça, religião, idade, sexualidade, geração, dentre outros. Tais interseções mostram violências, exclusões e desigualdades sociais perpetuadas e reproduzidas. O pensar interseccional pode contribuir para que possamos perceber e desconstruir naturalizações que tornam essas pessoas silenciadas, apagadas e oprimidas. Até porque, a partir de pesquisas como IBGE (2010) e SMPPIR (2016) infere-se que há uma quantidade considerável de mulheres, pessoas pardas/negras que aderiram a prática do budismo.

³ Com o tempo, essa ideia evoluiu, incorporando contextos materiais, sociais e intelectuais, e adotando as perspectivas de raça, classe, gênero e sexualidade como sistemas interligados de poder. Essas categorias sociais na esfera acadêmica passaram por processos de nomeação e renomeação até serem legitimadas como interseccionalidades, essenciais para as políticas de emancipação contemporâneas (Patricia COLLINS, 2017). Mais teóricas negras estadunidense contribuem para a sistematização da interseccionalidade, como: Ângela Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins, dentre outras.



Entre as teóricas brasileiras que também apresentam suas contribuições e proposições sobre o conceito e/ou ferramenta da interseccionalidade, estão Lélia Gonzalez (2019), Sueli Carneiro (2023) e Carla Akotirene (2019), dentre outras, que agregam ao conceito brasilidades e vivências do povo preto brasileiro e quando se trata de brasilidades do budismo transplantado no Brasil, é notável a escassez de estudos que adotem uma abordagem interseccional. Um levantamento feito na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)* com a palavra de busca “budismo” mostra que somente 2,3% das pesquisas tratam o tema gênero feminino, mas também que silenciam em relação a raça e classe, veja Tabela 01 – Temas:

Tabela 01 – Temas Abordados

| Assunto | Total | % |
|-------------------------------|--------------|---------------|
| Pensadores/as | 48 | 27.9% |
| Comportamental | 18 | 10.5% |
| História | 16 | 9.3% |
| Literatura | 14 | 8.1% |
| Budismo Geral | 11 | 6.4% |
| Educação | 10 | 5.8% |
| Budismo Tibetano | 9 | 5.2% |
| Arte | 5 | 2.9% |
| Música | 5 | 2.9% |
| Zen Budismo | 4 | 2.3% |
| Gênero | 4 | 2.3% |
| Morte | 4 | 2.3% |
| Fotografia | 3 | 1.7% |
| Política | 3 | 1.7% |
| Etnografia | 3 | 1.7% |
| Líderes Religiosos | 2 | 1.2% |
| Sexualidade e Espiritualidade | 2 | 1.2% |
| Artes Marciais | 2 | 1.2% |
| Seicho-No-Ie | 1 | 0.6% |
| Acupuntura | 1 | 0.6% |
| Igreja Messiânica | 1 | 0.6% |
| Relações Profissionais | 1 | 0.6% |
| Meio Ambiente | 1 | 0.6% |
| Jornalismo | 1 | 0.6% |
| Capoeira | 1 | 0.6% |
| Direitos Humanos | 1 | 0.6% |
| Hermenêutica | 1 | 0.6% |
| Total | 172 | 100.0% |



Os temas foram classificados a partir dos resumos das pesquisas. O silêncio sobre os elementos de gênero, raça e classe dão as mãos e podem desempenhar um papel fundamental na perpetuação de desafios persistentes, como racismo, patriarcado e opressão de classe, entre outros. Tais fatores devem ser analisados pela lente interseccional, visando explicitar as opressões ou discriminações verbais e físicas sofridas por uma pessoa fora do eixo heteronormativo, erigido pela cultura colonial, onde as diferenças se traduzem em desigualdades sociais, econômicas e raciais. A não compreensão da interseccionalidade leva à invisibilidade das violações de direitos. Segundo Patrícia Hill Collins (2017):

A interseccionalidade é uma maneira de entender e analisar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Os eventos e condições da vida social e política e o eu raramente podem ser entendidos como moldados por um fator. Eles geralmente são moldados por muitos fatores de maneiras diversas e que se influenciam mutuamente. Quando se trata de desigualdade social, a vida das pessoas e a organização do poder em uma dada sociedade são melhor entendidas como sendo moldado não por um único eixo de divisão social, seja de raça ou gênero, ou classe, mas por muitos eixos que trabalham juntos e se influenciam. A interseccionalidade como ferramenta analítica, oferece às pessoas um melhor acesso à complexidade do mundo de si mesmos (Patrícia COLLINS, 2017, p. 1).

O uso dessa ferramenta analítica nos permite compreender a aderência dos participantes do budismo, independentemente da tradição budista à qual pertencem, sendo fundamental para a compreensão e explicação da complexidade do mundo, das pessoas e de suas experiências humanas e quando se trata de instrumentos de análise, é crucial lembrar que a Ciência da Religião é uma área de estudo extremamente complexa que aborda o fenômeno religioso em todas as suas implicações, incluindo correntes de pensamento, expressões artísticas, estruturas institucionais e políticas, rituais, processos psicológicos e subjetivos, entre outros. Portanto, a religião deve ser estudada por meio de abordagens interdisciplinares, e é essencial aproveitar ao máximo ferramentas analíticas com uma sólida estrutura metodológica.



Diante desse cenário, torna-se imprescindível considerar cuidadosamente as questões de gênero, raça e classe ao explorar o budismo no contexto acadêmico. Essas temáticas desempenham papéis cruciais nos dias atuais, especialmente em um ambiente marcado por ameaças aos direitos conquistados com grande esforço pelas minorias sociais. Isso se aplica não apenas ao budismo, mas também a outras tradições religiosas, como os terreiros de matriz africana e até mesmo igrejas evangélicas progressistas (Átila SANTOS, 2022), que enfrentam desafios e lutas relacionados a essas questões interseccionais.

5. GÊNERO, RAÇA E CLASSE NO BUDISMO PAULISTANO

Após uma análise estatística com base nos dados do IBGE de 2010, constatamos que o budismo já conta com aproximadamente 243.966 aderentes em todo o Brasil. No entanto, esse número se encontra consideravelmente distante da predominância da *Igreja Católica Apostólica Romana*, que possui 123.280.172 seguidores/as, e do rápido crescimento das denominações evangélicas, com 42.275.440 aderentes. Em termos absolutos, a comunidade budista representa uma parcela relativamente pequena, abrangendo somente 0,13% da população brasileira.

Mais detidamente, Frank Usarski (2013) nos apresentou fatos históricos e estatísticos importantes para melhor compreensão do budismo, utilizando a Cidade de São Paulo como paradigma, que vale apresentar como pano de fundo do que mostraremos mais adiante. Ele aponta que aproximadamente 40% das instituições budistas do Brasil estão concentradas em São Paulo, juntamente com quase um quinto dos budistas do país. Logo esta cidade desempenha um papel de destaque no Budismo brasileiro, abrigando sedes de escolas budistas e organizações de cúpula que coordenam as atividades budistas em todo o país. O *Templo Zu Lai*, localizado em Cotia, é um exemplo notável.

A pesquisa de Frank Usarski (2013) mostrou também um budismo marcado por uma forte diversidade institucional. Diversas escolas budistas de origem asiática estão presentes, incluindo *Theravada*, *Ch'an*, *Zen*, *Shin*, *Nichiren*, bem como o Budismo tibetano (*Vajrayana*) e movimentos neobudistas. No entanto, o Budismo de origem japonesa, como *Nichiren* e *Shin*, predomina, representando a maioria das instituições. O



Budismo *Theravada* e as tradições ecumênicas são menos proeminentes. Esta tendência é ainda mais acentuada em São Paulo, onde mais de 75% das instituições pertencem ao budismo de origem japonesa.

Os números dos censos demonstraram um declínio constante no budismo étnico nas últimas décadas, relacionado à falta de transmissão da religião dentro das famílias e à necessidade de integração na sociedade brasileira. Por outro lado, o Budismo de conversão mostrou crescimento em algumas décadas, embora com oscilações e o Budismo étnico tem diminuído. Mas quando voltamos os olhos para a academia, a situação não é de declínio, pois, em junho de 2022, havia um total de 151 dissertações e teses registradas no BDTD (Nirvana FRANÇA, 2022), e, até o momento desta pesquisa, setembro de 2023, esse número cresceu para 172 dissertações e teses, dado que trataremos posteriormente.

Nesse contexto estatístico, focalizamos nossa análise no Estado de São Paulo, onde foram identificados 153.564 (IBGE, 2010) pessoas praticantes do budismo. Desses, 48,9% ou 75.075 residem na cidade de São Paulo. Dado o escopo limitado deste artigo, direcionamos nossa atenção para comparações relacionadas aos aderentes do budismo no município de São Paulo, onde a pesquisa revelou um total de 107.093 pessoas que se autodeclararam budistas.

De certo que São Paulo, um dos maiores centros urbanos do Brasil, abriga uma variedade de tradições religiosas e práticas espirituais, tornando-se um local especialmente intrigante para explorar como o budismo se manifesta e evolui dentro desse contexto diversificado, daí a importância de um olhar interseccional que reconheça as complexas interações entre raça, classe e gênero. Nessa perspectiva, demonstraremos as interconexões desses fatores, questionando como a experiência budista em São Paulo pode ser moldada pelas questões de raça, classe e gênero. Isso pode nos ajudar a compreender como diferentes grupos demográficos encontram significado, comunidade e pertencimento dentro do budismo e como esses aspectos interseccionais influenciam suas práticas e interações.

Para melhor delinear estatísticas com base em gênero e raça no contexto do budismo paulistano, utilizamos uma pesquisa conduzida pela *Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial – SMPIR* (2016), intitulada “*Diversidade Étnico-Racial e Pluralismo Religioso no Município de São Paulo*” de 2016. A metodologia aplicada pelo SMPIR envolveu a análise dos dados dos censos realizados pelo IBGE em 2000 e 2010, sendo que



o censo de 2010 foi particularmente útil para comparar os movimentos demográficos entre diferentes grupos étnico-raciais e convicções filosóficas. De acordo com a pesquisa, as disparidades relacionadas a gênero e cor ou raça são fenômenos que afetam dois grupos significativos da população no município, mulheres e pessoas negras, pois no censo de 2010, entre um total de 11.253.503 habitantes, 52,65% eram mulheres, enquanto 37,05% eram identificados como pessoas negras.

Em termos quantitativos, a cidade de São Paulo abriga a maior população feminina e afrodescendente do Brasil (IBGE, 2010)⁴, isto impacta substancialmente as estatísticas relacionadas a crenças e convicções filosóficas e desperta grande interesse entre as autoridades públicas, devido à sua importância na formulação de políticas públicas destinadas a promover a tolerância e a cultura de paz que são fundamentais para a cidadania, o fortalecimento da democracia e manutenção da estabilidade social. Em relação à população racial no município de São Paulo, nos dados do IBGE de 2010, os afrodescendentes, pretos/as e pardos/as, são 37,04%, totalizando mais de 4 milhões de pessoas, veja Tabela 2:

Tabela 02 - Cor ou Raça (SP Capital)

| Cor ou Raça | População Residente | Total |
|------------------------|---------------------|--------|
| Total | 11,253,503 | 100% |
| Branca | 6,824,668 | 60.64% |
| Preta | 736,083 | 6.54% |
| Amarela | 246,244 | 2.20% |
| Parda | 3,433,218 | 30.51% |
| Indígena | 12,977 | 0.10% |
| Sem declaração | 313 | 0.00% |
| Negros (pretos+pardos) | 4,169,301 | 37.04% |

⁴ O Censo de 2010, conhecido por seu questionário abrangente abordando aspectos socioeconômicos, educacionais e religiosos, contrastou com o Censo de 2022. Este último ocorreu em meio a uma pandemia e fora do prazo original (2020), levando o governo a simplificar as perguntas, focando exclusivamente em dados populacionais e geográficos. Para este artigo, o Censo de 2010 serviu como base, pois as informações sobre raça e classe foram extraídas dessa pesquisa.



No total de habitantes, 5.924.871 são do sexo feminino, o que representa 52,65% da população, enquanto 5.328.632 são do sexo masculino, correspondendo a 47,35%. Das mulheres, 61,6% são identificadas como brancas, enquanto 36% se autodeclaram negras, no total 2.275.150 mulheres pretas/pardas, conforme Tabela 03 – Gênero (SP Capital):

Tabela 03 - Gênero (SP Capital)

| Gênero | População Residente | Total |
|----------|---------------------|--------|
| Total | 11,253,503 | 100% |
| Mulheres | 5,924,871 | 52.65% |
| Branças | 3,649,721 | 61.60% |
| Pretas | 2,132,954 | 36.00% |
| Outros | 142,197 | 2.40% |
| Homens | 5,328,632 | 47.35% |

Quanto a classe das pessoas budistas, de acordo com o *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*, a classe social é definida pelo poder aquisitivo sendo estipulado pela quantidade de salários-mínimos que o indivíduo recebe, a classe A com maior poder aquisitivo e a E com menor. Classe A: mais de 15 salários-mínimos; Classe B: de 5 a 15 salários-mínimos; Classe C: de 3 a 5 salários-mínimos; Classe D: de 1 a 3 salários-mínimos; Classe E: até 1 salário-mínimo (IBGE, 2010). O racional de cálculo aplicou os valores de classe identificados no censo de 2010 interseccionalmente com os índices de raça e gênero antes apresentados para os totais na cidade de São Paulo. A partir desta definição conseguimos inferir a classe social do budista da Capital de São Paulo, veja:

Tabela 04 - Classe Social

| Classe | Brasil | SP (Capital) |
|----------|---------|--------------|
| Budistas | 243,966 | 75,075 |
| A | 2,196 | 676 |
| B | 5,367 | 1,652 |
| C | 35,131 | 10,811 |
| D | 25,860 | 7,958 |
| E | 175,412 | 53,979 |



A classe social da pessoa budista paulista, a partir da análise proposta pelo IBGE tendo como base o salário-mínimo, é a seguinte: 0,9% classe A, 2,2% classe B, 14,4% Classe C, 10,6% classe D e 71,9% classe E. Sendo assim, a maioria das pessoas budistas em São Paulo, são mulheres, pardas de classe C para baixo. A maioria dos budistas em São Paulo possivelmente vivem em situação de desigualdade social. Tal percepção aponta para a relevância de maiores análises do budismo sob perspectivas interseccionais. Os dados revelam que do total de 75.075 aderentes do Budismo na cidade de São Paulo, os brancos compõem 40% desse grupo, os negros⁵ correspondem a 20% e os amarelos correspondem a 40%. Além da questão racial, a análise da composição de gênero é igualmente relevante. As mulheres representam a maioria em quase todos os grupos religiosos, com exceção da categoria “Sem religião”, na qual correspondem a 43%. As religiões espiritualistas têm a maior concentração de mulheres, alcançando quase 61%.

O que também ressalta Rita Gross (2005) ao dizer que em muitas partes do mundo, incluindo países asiáticos e ocidentais, as mulheres constituem a maioria dos praticantes budistas. Isso pode ser atribuído a várias razões, incluindo a atração do Budismo por suas abordagens inclusivas e igualitárias, bem como pela busca espiritual pessoal. No entanto, apesar da maioria das praticantes budistas serem mulheres, ainda existe uma significativa sub-representação de professoras e líderes religiosas mulheres em muitas tradições budistas, como veremos.

⁵ A presença de 20% de praticantes negros do Budismo em São Paulo nos conduz a estabelecer comparações com a adoção do Budismo por indivíduos afrodescendentes nos Estados Unidos, que dos países ocidentais é o que mais tem adeptos do budismo, ou seja, 1% da população equivalente a 3,5 milhões de adeptos (USCB, 2020). Grande parte delas faz parte de movimentos como BIPOC (são as siglas em inglês para negros, indígenas e pessoas de cor) e *Radical Dharma* (Ícaro MATIAS, 2022), que buscam aplicar a prática espiritual budista para promover justiça social e racial. Recentemente, um livro antológico intitulado “*Black and Buddhist*,” coordenado por Pamela Ayo Yetunde e Cheryl A. Giles, foi lançado no *Summit Black & Buddhist* (Pamela Yetunde, 2021). Esse trabalho levanta a questão central: “O que o Budismo pode nos ensinar sobre raça, resiliência, transformação e liberdade?”



6. GÊNERO, RAÇA E CLASSE NAS PESQUISAS SOBRE BUDISMO

Em 2006, Frank Usarski publicou o artigo “O estado da pesquisa sobre budismo no Brasil: tendências e questões em aberto”. Nesse trabalho, Usarski analisou a situação da pesquisa sobre o Budismo no país, oferecendo contexto, questões em destaque, considerações metodológicas, observações abrangentes e referências relevantes. Em 2022, após um hiato de 15 anos, Nirvana França reforça os principais aspectos abordados por Usarski, introduzindo novas dimensões.

Com base nesse contexto, em 2023, almejamos incorporar perspectivas relacionadas a gênero, raça e classe de maneira interseccional. Pretendemos atingir esse objetivo por meio da revisão de teses e dissertações disponíveis no bancos de dados da BDTD, orientados/as e seus orientadores/as e temas dessas pesquisas para compreender como as dimensões interseccionais influenciam a pesquisa acadêmica, tanto por parte dos/as estudantes quanto dos professores/as, no campo do budismo no Brasil. Ao considerar a singularidade do budismo “abrasileirado”, torna-se imperativo estabelecer uma ligação intrínseca com o conceito de interseccionalidade. Essa conexão ganha ainda mais relevância quando observamos as estruturas de opressão que permeiam a sociedade brasileira, incluindo a diversidade de religiões. Por isso, traremos as pesquisas mais recentes e que levam em consideração a intersecção com gênero.

O primeiro é a dissertação de mestrado da Monja Nirvana de Oliveira Galvão de França, intitulada “GURUDHARMAS: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas” (2020) e que recebeu o Prêmio Amar/Fogo Editorial de Dissertações. Sua pesquisa concentrou-se principalmente no papel das mulheres na tradição budista, explorando os textos canônicos que tratam das regras e obrigações aplicadas às monjas budistas, em particular, os *Gurudharmas*. Conforme indicado em seu trabalho, a admissão das mulheres na vida monástica está sujeita à aceitação de oito “princípios a serem respeitados”, conhecidos como *Gurudharmas* em sânscrito ou *Garudhammas* em pâli.

A pesquisa aponta indícios de corrupção, supressões e possíveis adições que poderiam ter distorcido a mensagem original do Buda em relação às mulheres na comunidade monástica e se esforçou para desafiar essas interpretações e promover uma compreensão mais igualitária e inclusiva do papel das mulheres no budismo. No geral, a pesquisa da



Monja Nirvana contribui significativamente para a discussão e ação em prol da igualdade de gênero e justiça nas tradições religiosas, com foco especial no contexto budista. Além disso, oferece valiosas percepções para movimentos religiosos de minoria que buscam reformas e transformações significativas.

A segunda pesquisa, conduzida por Tattiane Yu Borges Marques em 2022, explora o tema “*Buda Tārā: Surgimento, transformação e permanência da centralidade de um ícone feminino no budismo tibetano Geluk*”, que ficou em 1º lugar no Prêmio ABHR – Associação Brasileira para Pesquisa e História das Religiões. Este estudo meticulosamente investigou as narrativas e representações de Buda Tārā, no contexto do seu surgimento no budismo até o recorte da sua representação no budismo tibetano Geluk. Buda Tārā é uma Buda no corpo feminino, que possui complexas questões associadas à representação das mulheres dentro dessa tradição religiosa.

A pesquisa aprofundou-se na análise das narrativas relacionadas à Tārā, desvendando como essas histórias emergem, se consolidam e são interpretadas dentro da tradição Geluk. Buda Tārā ocupa um lugar significativo no contexto do budismo tibetano Geluk, sendo reverenciada como uma das deidades femininas mais relevantes e populares nessa tradição. Um ponto crucial desta pesquisa é o destaque para a notável ausência de mulheres em papéis de liderança e ensino dentro da tradição Geluk do budismo tibetano. Isso realça a importância da igualdade de gênero e da inclusão das mulheres em posições de autoridade religiosa. A pesquisa lança luz sobre o desequilíbrio de gênero e as barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres dentro das tradições Geluk. Fornece *insights* valiosos sobre como as histórias de figuras femininas, como Buda Tārā, são interpretadas e incorporadas na tradição Geluk, uma tradição que não tem mulheres como líderes e professoras. Isso pode servir como um guia para estudos futuros sobre o impacto das narrativas religiosas na formação de identidades e crenças religiosas.

Ao questionar a falta de representação feminina na liderança religiosa e no ensino dentro da tradição Geluk, a pesquisa desafia o *status quo* e abre espaço para um diálogo sobre a necessidade urgente de mudanças dentro dessas comunidades religiosas. Em resumo, essa pesquisa não apenas amplia nossa compreensão sobre questões de gênero, igualdade e inclusão nos movimentos religiosos de minoria, mas



também encoraja uma reflexão crítica, desafia normas estabelecidas e, potencialmente, influencia mudanças positivas em direção à igualdade de gênero e representação nas comunidades religiosas desta tradição.

A terceira e não menos importante é a pesquisa conduzida por Ícaro Azevedo Matias (2022), com o título “*A atitude Budista diante da sexualidade dissidente e o surgimento contemporâneo de comunidades Budistas LGBTI+ como movimento socialmente engajado*”, trabalho que analisa a evolução da atitude budista em relação à diversidade sexual e de gênero ao longo da história e o surgimento contemporâneo das comunidades budistas LGBTI+ como movimento socialmente engajado. A pesquisa incluiu uma revisão bibliográfica que explorou a intersecção entre Budismo, sexualidade e gênero, no contexto LGBTQ+/queer, além de documentos produzidos por três comunidades diferentes: *Rainbow Sangha Europa*, *Rainbodhi Austrália* e *Rainbow Sangha Brasil*.

A análise identificou uma atitude flexível do Budismo em relação à diversidade sexual e de gênero, com traços de neutralidade que permitiram diferentes interpretações e posturas ao longo da história. A ambivalência budista proporcionou o desenvolvimento de líderes religiosos e comunidades LGBTQ+ que abraçaram uma postura de engajamento social, justificada como prática budista e aplicada em espaços públicos secularizados. Além disso, a análise revelou que, historicamente, o budismo se adaptou e permitiu interpretações mais inclusivas, especialmente sob a influência do ideal do *bodhisattva* e da universalidade salvífica, que enfatizavam a capacidade de todos os seres alcançarem a iluminação.

O contato do Budismo com ideias não asiáticas no mundo moderno permitiu que praticantes LGBTQ+ resistissem às normas e promovessem a conscientização sobre questões sociais. A pesquisa também destacou o surgimento da hermenêutica *queer* budista, que reinterpreta a cosmologia e a soteriologia budistas de maneira mais inclusiva. As comunidades budistas LGBTQ+ foram avaliadas como Budismo Socialmente Engajado com base em dois critérios: resistência à secularização e atividade social. Essas comunidades demonstraram resistência à secularização ao promover eventos públicos e atuar em parceria com o Estado. Além disso, suas ações foram justificadas como prática budista, enfatizando a interdependência, a não dualidade e a não identificação, e reivindicando direitos humanos e políticas públicas em prol da igualdade e redução do sofrimento. Este estudo destaca o papel das comunidades budistas LGBTQ+ como agentes de mudança social e religiosa. O trabalho também



levanta questões sobre a interpretação e ressignificação da doutrina budista por parte dessas comunidades e identidades religiosas.

As pesquisas acadêmicas que exploram a integração da perspectiva de gênero nos estudos do oferecem uma contribuição significativa para a compreensão e releitura do budismo no que se refere à igualdade de gênero e à diversidade sexual. Desafiam as convenções tradicionais e promovem um diálogo mais aberto sobre a urgência de mudanças no budismo e outras tradições religiosas em relação à igualdade de gênero e diversidade sexual e fornecem *insights* profundos e valiosos sobre como a religião e espiritualidade podem ser influenciadas por questões de gênero e diversidade. Contudo, surge um desafio adicional: estender essas investigações sobre questões de gênero na interface com raça e classe. Por isso, apresentamos a seguir um levantamento estatístico da situação atual das pesquisas sobre Budismo no Brasil realizado no banco de dados da BDTD⁶. Das 172 teses e dissertações sobre Budismo com 155 autores/as, 67 foram feitas por mulheres e 88 por homens, como podemos ver na Tabela 05 – Autores/as (Geral) x Gênero:

Tabela 05 - Autores/as (Geral) x Gênero

| Sexo | Total | % |
|-------------|--------------|----------|
| Feminino | 67 | 43.2% |
| Masculino | 88 | 56.8% |
| Total | 155 | 100.0% |

Dessas 172 teses e dissertações foram guiadas por 96 orientadoras/es docentes, 36 mulheres e 60 homens, conforme na Tabela 06 – Orientadores/as (Geral) x Gênero:

Tabela 06 - Orientadores/as (Geral) x Gênero

| Sexo | Total | % |
|-------------|--------------|----------|
| Feminino | 36 | 37.5% |
| Masculino | 60 | 62.5% |
| Total | 96 | 100% |

⁶ Caberia uma comparação com outro banco de dados, o CAPES, onde verifica-se utilizando o mesmo nome de busca “Budismo” 220 teses e dissertações, sendo 155 dissertações e 51 teses.



Apontadas apenas as teses de doutorado, foram localizadas 46 teses, sendo 41,3% por mulheres e 58,7% feitas por homens. O recorte racial⁷ mostra que das 46 teses, 41 foram feitas por pessoas brancas, 4 por pardas e 1 por negra. A intersecção raça/gênero feminino demonstra que 15 teses foram feitas por mulheres brancas, 4 por mulheres pardas e nenhuma por mulher preta. A análise sob a perspectiva raça/gênero masculino mostra 26 teses feitas por homens brancos, 1 por homem negro e nenhuma por pardo.

A única pesquisa realizada por negro trata-se da tese de doutorado do discente Silas Carlos Rocha da Silva da UFB - Orientador: Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas. A tese buscou explorar filosofias muitas vezes ignoradas no contexto educacional e filosófico, a fim de repensar a formação humana. Isso envolveu um diálogo entre o budismo e a Educação, com ênfase na ideia de *Vacuidade* como definida por *Nagarjuna*, desempenhando um papel central nessa abordagem. Muito embora a tese do homem negro Silas Carlos Rocha da Silva faça um diálogo com questões relevantes entre Budismo e Educação ele não aprofunda em questões interseccionais específicas relacionadas às experiências de pessoas negras no contexto brasileiro. Pensando docentes que orientaram as pesquisas, 10 são mulheres e 20 homens. No recorte racial, 28 do total de orientadores são brancos e 2 pardos. Pelo gênero feminino, 100% das mulheres são brancas e pelo masculino, há 90% homens brancos e 10% de pardos e nem mesmo os temas socorrem raça e classe, vide tabela 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo abordou o budismo no Brasil sob a lente da interseccionalidade, reconhecendo as complexas dinâmicas que envolvem raça, gênero e classe no contexto budista. Ao longo desta análise, pudemos destacar diversas pesquisas acadêmicas que expandiram nossa compreensão sobre como essas dimensões interagem na prática budista e no campo

⁷ Foi utilizado para definição da cor preta/parda dos discentes/orientados/as e docentes orientadores/as o preceito de heteroidentificação em analogia a Lei 12.990 de 09 de junho de 2014, a Portaria Normativa n 4 do *Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão*, de 10 de Abril de 2018 e ainda a Recomendação n 41 do *Conselho Nacional do Ministério Público* de 9 de agosto de 2016. A heteroidentificação foi feita no Lattes, LinkedIn, Instagram e Youtube.



acadêmico. As mais recentes pesquisas mencionadas, conduzidas por acadêmicos/as como Monja Nirvana de Oliveira Galvão de França, Tattiane Yu Borges Marques e Ícaro Azevedo Matias oferecem contribuições valiosas para o diálogo sobre igualdade de gênero, diversidade sexual e este artigo preliminarmente contribui com representação racial e de classe dentro das comunidades budistas no Brasil e assim desafiam normas estabelecidas, questionam desequilíbrios históricos e fornecem visões profundas e significativas sobre como o budismo pode ser mais inclusivo e equitativo.

Os dados demográficos ressaltam a diversidade dentro do Budismo em São Paulo, demonstrando que a religião atrai uma ampla gama de pessoas, mas é evidente que as barreiras de classe e raça ainda persistem, com uma maioria de budistas vivendo em condições desiguais, o que reforça a importância de continuar explorando questões interseccionais para melhor compreender e abordar essas disparidades.

À medida que avançamos no estudo do budismo no Brasil, é essencial continuar ampliando nossa análise interseccional. Devemos persistir na busca por igualdade de gênero, diversidade sexual e inclusão racial dentro das tradições religiosas. Essas conexões e reflexões meramente preliminares e as pesquisas aqui destacadas fornecem um sólido ponto de partida para trabalhos futuros, encorajando um diálogo aberto sobre as interfaces das comunidades budistas no Brasil. Considerar a interseccionalidade auxilia a enriquecer a compreensão da espiritualidade budista no Brasil. Maiores análises que exploram o budismo pela perspectiva interseccional no Brasil podem aprofundar a compreensão das complexas interações entre gênero, raça, classe e espiritualidade nesse contexto e proporcionar a participação de comunidades budistas nas transformações políticas, sociais e econômicas no Brasil para a promoção de mudanças.

BIBLIOGRAFIA

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Pesquisa sobre entradas, budismo. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=BDTD+%E2%80%93+Biblioteca+Digital+Brasileira+de+Teses+e+Disserta%C3%A7%C3%B5es> Acesso em 12 out 2023.



BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.990, de 9 de junho de 2014. **Estabelece uma cota de 20% de vagas em concursos públicos federais para candidatos negros.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm Acesso em 08 out 2023.

-Portaria Normativa n 4 do Ministério do P.D.G Disponível em:<https://legis.sigepe.gov.br/legis/detalhar/14766> Acesso em 08 out 2023.

-Recomendação n 41 do Conselho Nacional do Ministério Público de 9 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.cntp.mp.br/portal/atos-e-normas/norma/4343/> Acesso em: 08 out 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, 06 mar. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 08 out 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: **Parágrafo**, v. 5, n.1, p. 6-17, 2017. Disponível em: < <http://revisataseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559> > Acesso em: 12 out 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estudos feministas**, 10(172), p. 171-188. 2002.

DAVIS, Angela. Palestra na Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2017. Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. In: **Instituto Humanitas Unisinos - IHU.** Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/166-sem-categoria/570053-quando-a-mulher-negra-se-movimenta-toda-a-estrutura-da-sociedade-se-movimenta-com-ela> > Acesso em: 12 out 2023.

FRANÇA, N. O. M. G.; GURUDHARMAS: **Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes.** João Pessoa: Fogo Editorial, 2020.

FRANÇA, Nirvana, Mulheres budistas como líderes e professoras: o Brasil, dezoito anos depois. **Coisas do gênero:** Revista de estudos feministas em gênero e religião, v. 8, p. 101-112, 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/1653> Acesso em 10 out 2023.

FRANÇA, Nirvana. **O momento da pesquisa sobre o budismo no Brasil:** como estamos 15 anos depois. Debates do NER, Porto Alegre, ano 22, n.42, p. 235-252, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/126541> Acesso em 10 out 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019

GROSS, Rita M., Mulheres budistas como líderes e professoras. **Revista de Estudos Feminista**, Florianópolis, volume 13, n. 2, p. 415-423, ago. 2005

IBGE. **Censo demográfico**, 2010 – Características Gerais da População – Resultados da Amostra. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa etnográfica. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em 10 out 2023.



PEREIRA, Ronan Alves. **O budismo leigo da Sôka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. 2021

PYE, Michael. **A transplantação de religiões.** Tradução de Isabella Tritone. REVER • São Paulo • volume 23 • n. 1 • 2023 Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/61638> Acesso em 12 out 2023.

MARQUES, Tattiane Yu Borges. **Buda Tara: surgimento, transformação e permanência de uma linhagem feminina no Budismo Tibetano Geluk.** 2022. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo.

MATIAS, Ícaro Azevedo. **A atitude budista diante da sexualidade dissidente e o surgimento contemporâneo de comunidades budistas LGBTI+ como movimento socialmente engajado.** Dissertação (Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2023.

NOSS, David S.; GRANGAARD, Blake R. **História das religiões mundiais;** Tradução Andre Szczawlinska Muceniecks – Petrópolis, RJ: Vozes, 2023

SANTOS, Átila Augusto dos. **SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019),** 2022. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

SMPiR - Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade - **Diversidade étnico-racial e pluralismo religioso no município de São Paulo.** São Paulo: SMPiR, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/615047216/diversidade-etnico-racial-e-pluralismo-religioso-no-municipio-de-sao-paulo>. Acesso em 12 out 2023.

USARSKI, Frank. Declínio do budismo “amarelo” no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/4stW7nKgcMrs46qzH9Ndpqj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10 out 2023.

USARSKI, Frank. **O momento da pesquisa sobre Budismo no Brasil: tendências e questões abertas.** Debates do NER. Porto Alegre, v. 7, n. 9, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/2770> Acesso em: 12 out 2023.

USCB - **UNITED STATES CENSUS BUREAU** - The 2020 Census of American Religion Disponível em: [https://www.prii.org/research/2020-census-of-american-religion/#:~:text=Buddhist%20Americans%20make%20up%201,Hawaii%20County%2C%20Hawaii%20\(5%25\)](https://www.prii.org/research/2020-census-of-american-religion/#:~:text=Buddhist%20Americans%20make%20up%201,Hawaii%20County%2C%20Hawaii%20(5%25).). Acesso em: 09 out 2023.

YETUNDE, Pamela Ayo. **Black – Buddhist.** “O que o Budismo pode nos ensinar sobre raça, resiliência, transformação e liberdade? EUA - 2021 Disponível em: <https://espanol.buddhistdoor.net/black-buddhist-summit-lo-que-el-budismo-puede-ensenarnos-sobre-raza-resiliencia-transformacion-y-libertad-espiritual/> Acesso em 09 out 2023.

Submetido em: 15-10-2023

Aceito em: 06-11-2023